

DE OLHO NA RENTABILIDADE

Empresário lucrava mais ao investir no mercado financeiro, diz estudo

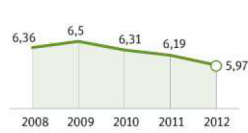
Como foi o retorno de investimentos

Dados consideram empresas que apuraram IR de Pessoa Jurídica pelo lucro real*

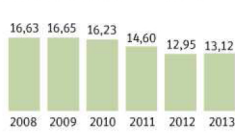
Acumulado de 2008 a 2012 (em %)



Investimento da indústria de transformação no Brasil sobre vendas** (em %)



Participação da indústria de transformação no PIB*** (em %)



*Empresas que apuraram esse lucro foram 21,4 mil em 2012. Juntas, respondem por 88% do faturamento do setor e 66% do número de funcionários do país

**Receita líquida, já descontados impostos

***Calculada pela divisão entre o PIB da indústria de transformação e o PIB a preços básicos

Fonte: Fiesp

Baixo retorno inibe reinvestimento na indústria, diz setor

Segundo levantamento feito pela Fiesp de 2008 a 2012, indústria perde em lucro para aplicações financeiras

Entre obstáculos para manter investimentos estão carga tributária, juros altos, câmbio e custos trabalhistas

CLAUDIA ROLLI
DE SÃO PAULO

Empresários que investiram em sua indústria obtiveram, em média, retorno de 47% entre 2008 e 2012. Já aqueles que aplicaram no mercado financeiro, em um fundo de renda fixa, por exemplo, embolsaram 62%.

Isso significa que a cada R\$ 1 bilhão investido no setor industrial foram gerados R\$ 469 milhões de rendimentos, já descontado o pagamento de Imposto de Renda.

A mesma quantia investida numa aplicação financeira considerada conservadora resultou em R\$ 624 milhões. Ou seja: R\$ 155 milhões a mais de lucro para recursos não reinvestidos na indústria.

Os dados estão em estudo do departamento de competitividade da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) sobre como os investimentos industriais sofrem impacto da perda de rentabilidade e da redução da margem de lucro do setor.

Os dois indicadores (margem de lucro e rentabilidade) chegaram em 2012 ao pior nível desde 2008, ano eleito para iniciar o estudo por ser o do estouro da crise global.

O levantamento foi feito em todas as indústrias do país que apuraram Imposto de Renda com base no lucro real, segunda dados da Receita Federal de 2012, os mais recentes disponíveis.

“Há um desestímulo para investir”, diz José Ricardo Roriz Coelho, diretor do departamento. “As aplicações financeiras geram retorno alto com risco quase zero. Os investimentos na indústria, além de renderem menos, têm riscos”, afirma.

Entre eles, Coelho cita a di-

ficuldade de competir por causa da carga tributária maior, juros altos para empréstimos, riscos cambiais, custos trabalhistas e gargalos que encarecem a produção.

“Não há sinal de mudança nem a longo prazo. O país não tem plano para resolver questões que poderiam ter impacto na decisão de investir.”

Em agosto, pelo oitavo mês seguido, a confiança dos empresários da indústria recuou. Está no menor patamar desde abril de 2009, segundo sondagem da FGV.

“Diante de incertezas, o empresário fica na retaguarda”, diz Roberto Aragão, da FGV Projetos. Além da crise de confiança, afirma, o investimento sofre neste ano com juros mais altos e inflação maior, o que eleva o custo das empresas e deixa menos dinheiro no caixa para investir.

Para o professor Aloisio Campelo Jr., coordenador das sondagens do Ibre/FGV, a diminuição da rentabilidade do setor é um fator relevante: “Afeta na limitação de recursos para investir (há empresas conservadoras, que preferem não usar recursos de terceiros) e na percepção de retorno futuro muito baixo para o que investir hoje.”

O estudo ressalta ainda a queda no total de desembolsos do BNDES à indústria (de 46% em 2010 para 28% em 2013) e a perda de investimentos estrangeiros no setor.

Para o economista Antonio Corrêa de Lacerda, professor da PUC-SP, recuperar a capacidade de investir é pré-requisito para o país crescer de modo mais robusto e contínuo.

“Com investimentos em queda, a indústria perde participação no PIB, o que traz impactos negativos para emprego, renda e país. Os investimentos caíram 5,3% no segundo trimestre ante o primeiro. A taxa de investimento estacionou em 18%.”

Os empresários deixam de ser industriais e viram “rentistas” na tentativa de resolver seu caixa, diz Lacerda.

“Ele vende a empresa, cria outra de participações, em que a produção de um bem é trocada por ações, títulos e imóveis, e resolve seu problema. Para o país, é péssimo. O produto que era aqui fabricado passa a ser importado.”

Em 2003, 10% dos produtos industriais vendidos no país eram importados. Em 2013, 25% eram importados.

Com investimentos em queda, a indústria perde participação no PIB, o que traz impactos negativos para o emprego, renda e país”

ANTONIO CORRÊA DE LACERDA
economista e professor da PUC-SP

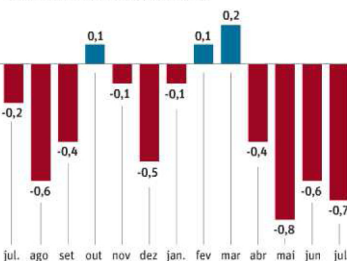
Há um desestímulo para investir”

JOSÉ RICARDO RORIZ COELHO
diretor da Fiesp

MENOS EMPREGOS

Vagas na indústria têm nova queda em julho

Variação do emprego, na comparação mês ante mês anterior, com ajuste sazonal, em %



0,6% é a alta do emprego acumulada em 2014

3,6% é a queda do emprego na comparação com julho.13

340 resultado negativo consecutivo do tipo, segundo o IBGE

Fonte: IBGE

Renda na indústria encolhe 3,4% em julho

Queda de salários reflete excesso de mão de obra após cortes; no ano, há avanço de 0,6%

PEDRO SOARES
DO RIO

Após quase três anos de fechamento de vagas na indústria, os rendimentos dos trabalhadores do setor já mostram deterioração: a folha de pagamento caiu 3,4% em julho na comparação com o mesmo período de 2013.

É a segunda perda seguida. Com esse resultado, a renda do setor acumula alta de apenas 0,6% de janeiro a julho, ritmo mais moderado do que em períodos anteriores.

Em 2013, a renda na indústria avançou 1,3%, abaixo dos 4,4% de 2012, mostra o IBGE.

Para especialistas, o resultado acumulado no ano ainda é positivo em razão dos custos elevados para demitir e treinar trabalhadores, da

previsão de recuperação da economia neste semestre e da competição por trabalhadores em ramos dinâmicos, como o de serviços.

Mas o impacto dos sucessivos cortes é ter tornado a oferta de trabalhadores excessiva, o que agora os sujeita a ganhar menos.

“O emprego registra os piores resultados desde a crise global de 2009 e esse cenário já se reflete na redução do rendimento. Com menos vagas e mais pessoas à procura de trabalho, a tendência é que os salários caiam”, diz Rodrigo Lobo, do IBGE.

Com a sinalização cada vez mais clara de que a indústria não irá decolar tão cedo num cenário de juros elevado, crédito escasso e consumo em forte desaceleração, os em-

presários começam a demitir e a buscar manter apenas as vagas com salários menores.

Tal tendência, afirma Fernando Holanda, economista da FGV, ainda se restringe à indústria, mas poderá contagiar outros setores no próximo ano se a economia continuar a evoluir lentamente — a previsão é que o PIB deste ano cresça apenas 0,5%.

O emprego industrial caiu 3,6% em julho em relação a julho de 2013, o 34º resultado negativo consecutivo nesse tipo de confronto e o pior desde novembro de 2009 (-3,7%).

O número de ocupados recuou 0,7% sobre junho, apesar do avanço da produção de 0,7% de junho para julho.

Pelos dados do IBGE, os setores que lideram as demissões e reduziram mais os salários são os que sofrem maior concorrência com produtos importados ou dependem de exportações, além dos que estão vinculados aos investimentos (destaque negativo no PIB dos dois primeiros trimestres deste ano).

Estão na lista de corte de salários os de aparelhos eletroeletrônicos e comunicação (4,3%), madeira (3,7%), produtos de metal (3,6%), calçados e couro (3%) e máquinas e equipamentos (1,8%).

Em julho, todas as 14 regiões pesquisadas pelo IBGE tiveram queda no emprego na comparação com igual mês de 2013. O destaque foi São Paulo, cuja retração de 5,1% foi a pior da série histórica do IBGE, iniciada em 2001, ao lado de Rio Grande do Sul (3,8%) e Paraná (5,6%).